

Experiências educativas a partir do pensamento freiriano em escolas públicas do Vale do Paranhana

Josiane dos Santos – Acadêmica de Pedagogia na FACCAT - josiane.santos12@hotmail.com
Luis Carlos Trombetta – Professor e orientador do GEPF FACCAT - proftrombetta@hotmail.com

Resumo: As grandes transformações ocorridas nas últimas décadas e séculos nos fazem pensar muito acerca da educação em diferentes espaços e dimensões. O que acompanhamos nestes tempos 'bicudos' pode nos deixar perplexos ou perplexas, mas pode fazer com que a reflexão surja como uma das possibilidades para termos saídas favoráveis/razoáveis a este momento de crises. Pensar experiências positivas nas quais a práxis freiriana está presente nestes tempos contemporâneos é um dos objetivos deste texto; além disso, também pretende-se mapear situações ou contextos nos quais as experiências estão se realizando em maior ou menor grau de qualidade. O contexto geográfico é o Vale do Paranhana e a teoria freiriana será a referência teórica capaz de abrir horizontes possibilitadores de outros olhares. Espera-se poder contribuir com subsídios interessantes e convergentes com debates emancipatórios que deverão ocorrer em espaços públicos de educação no Rio Grande do Sul e no país.

Palavras-Chave: Educação; inédito viável; ser mais.

1 Introdução

Os diferentes sujeitos comprometidos no processo do ensino e da aprendizagem devem ter presente a totalidade das relações que estão por trás do fazer pedagógico, bem como as condições materiais que são alcançadas/ofertadas/disponibilizadas a eles/elas para garantir que sua prática seja possível de ser realizada nos espaços formais de educação. Nas escolas públicas do Rio Grande do Sul e, especificamente, nas do Vale do Paranhana, existem saberes da experiência que necessitam ser compartilhados para que muitas e muitos os conheçam e, dentro do possível, repliquem-nos em seus espaços formais e informais de educação.

O cenário converge com o pensamento de Paulo Freire no sentido de que homens/mulheres são seres que se constituem social e historicamente em diferentes espaços de lutas. São estas que possibilitam a concretização do ser mais e também a objetivação de gestos éticos a partir da experiência vivida pelos diferentes sujeitos.

A reflexão apresentada a seguir está ligada a algumas experiências freirianas que ocorrem em escolas públicas no Vale do Paranhana nas quais a filosofia de Paulo Freire as perpassa. São relatos breves nos quais pretende-se comentar o que ocorre e, dentro do possível, relacionar com as ideias teóricas do autor. Teremos como referência três experiências que estão sendo efetivadas com êxito na cidade de Igrejinha, RS: o Cemaé Aprender, a EJA que se realiza na Escola Municipal de Ensino

Fundamental Machado de Assis no turno da noite e outra experiência que se efetiva em uma Escola Municipal de Educação Infantil.

2 Fundamentos teóricos

O trabalho dos profissionais da educação é singular na medida em que dialoga com a vida de sujeitos que estão em permanentes transformações. Esta visão que expõe a possibilidade de horizontes aos sujeitos em formação, segundo Paulo Freire, diverge frontalmente do liberalismo econômico, pois este sistema preconiza o determinismo/fatalismo aos seres humanos e tira deles as possibilidades utópicas e esperançosas. No contexto atual, inúmeras experiências que foram e que estão sendo gestadas estão sofrendo críticas violentas dos apologistas do sistema, pois, além de empoderar os excluídos da sociedade, também enfrentam o sistema que tende a excluí-los sistematicamente. Uma educação emancipadora/libertadora deve tencionar este debate e revolucionariamente abrir mentes e corações para que estes lutem para a transformação de suas vidas e da sociedade.

A educação, pensada como ato ético e livre de cada ser humano, é uma das categorias trabalhadas pelo autor e que marca profundamente a sua visão de homem/mulher na contemporaneidade. Ele nega veementemente o determinismo e afirma a liberdade de cada um/uma na construção de sua história. É através da educação que surgem inúmeras possibilidades de emanciparmos os seres humanos, mas este processo deve ser feito com rigorosidade epistemológica e não mero espontaneísmo.

[...] me aproximo de novo da questão da inconclusão do ser humano, de sua inserção num permanente movimento de procura, que rediscuto a curiosidade ingênua e a crítica, virando epistemológica. É neste sentido que reinsisto que *formar* é muito mais do que puramente *treinar* o educando no desempenho de destrezas (FREIRE, 2015, P. 15 e 16).

É muito interessante perceber que o sistema capitalista usa de várias ideologias para mascarar esta ideia de treino; as pessoas seriam ou devem ser peças de uma grande engrenagem do sistema. A formação, pressuposta por Freire, é quase que antagônica a esta visão instrumental da educação. O autor visa a autonomia emancipatória dos sujeitos e é esta que viabiliza a humanização cidadã.

Grande parte da proposta apresentada por Freire traz consigo este ideal de formação ética dos educandos e educadores, pois os saberes são diferentes e estes dois sujeitos estão em uma relação

dialética que imbrica o ensino e a aprendizagem. O mais interessante disto tudo é que o conhecimento epistêmico é fundamental, caso contrário, se permanece na mera boa vontade e isto não é suficiente. Em quaisquer experiências pedagógicas o conhecimento epistemológico é estratégico e determinante para o seu bom funcionamento e em uma experiência inovadora isto é fundamental.

A ética universal do ser humano é defendida pelo autor. Nesta visão percebe-se claramente a condenação do ‘cinismo do discurso burguês’; a ‘condenação da exploração da força de trabalho do ser humano’. Além disso, fica claro que Freire traça outras características ou outras marcas importantes desta nova ética:

A ética de que falo é a que se sabe traída e negada nos comportamentos grosseiramente imorais como na perversão hipócrita da pureza em puritanismo. A ética de que falo é a que se sabe afrontada na manifestação discriminatória de raça, de gênero, de classe. É por esta ética inseparável da prática educativa, não importa se trabalhamos com crianças, jovens ou com adultos, que devemos lutar. E a melhor maneira de por ela lutar é vivê-la em nossa prática, é testemunhá-la, vivaz, aos educandos em nossas relações com eles. (FREIRE, 2015, p. 17 e 18).

A citação anterior nos reporta a uma fala que o Dr. Pedrinho Guareschi fez durante a realização do Diálogos com Paulo Freire na cidade de Igrejinha, RS, em novembro de 2015. Na ocasião, o professor destacou que Jesus Cristo não falava sobre o caminho e ou sobre a verdade, pelo contrário, ele dizia *‘Eu sou o caminho, a verdade e a vida’* (João, 14,6). Esta coerência entre o viver e o falar é indispensável, pois, segundo Freire, a palavra mundo antecede a palavra escrita. Na construção de identidades éticas nos espaços educacionais é preciso ter presente estes entrelaçamentos entre teoria e prática e, acima de tudo, entre discurso e ação (não podemos falar uma coisa e fazer outra).

Ao longo dos relatos trabalhados neste ensaio veremos que os profissionais que trabalham com as crianças, com os adolescentes e com os jovens têm presente a necessidade de terem uma postura convergente entre o dizer e o fazer ou entre a teoria e a prática.

Ao analisarmos alguns comportamentos imorais destacados e condenados pelo autor percebemos que o que se destaca é a mentira, a exploração dos fracos e indefesos, o soterramento dos sonhos e das utopias e o falar mal dos outros pelo gosto de falar mal (2015, p. 18). São estas situações que irritavam Freire e devem irritar a todas e todos aquelas e aqueles que têm condutas éticas e que lutam por uma sociedade mais justa, mais fraterna e mais humana. Provavelmente estas situações dificultam o ser mais das pessoas envolvidas e comprometidas com o processo educativo.

De todos os males existentes o que mais foi e é condenado por Freire é a mentira. Analisando rigorosamente a sua reflexão percebe-se outros aspectos de sua proposta que são destacados:

O preparo científico do professor ou da professora deve coincidir com sua retidão ética. É uma lástima qualquer descompasso entre aquela e esta. Formação científica, correção ética, respeito aos outros, coerência, capacidade de viver e de aprender com o diferente, não permitir que o nosso mal-estar pessoal ou a nossa antipatia com relação ao outros nos façam acusá-lo do que não fez são obrigações cujo cumprimento devemos humilde, mas perseverantemente, nos dedicar (FREIRE, 2015, p. 18).

Dos elementos mencionados na citação anterior, o que merece destaque especial é esta capacidade que deve ser construída socialmente com os educandos ‘a de viver e conviver com respeito e lealdade diante de posturas antagônicas tanto dos educadores quanto dos educandos’ (18). Aqui é que reside um dos pilares da democracia e da cidadania. Freire destaca a natureza ética da prática educativa como elemento humano dos que se assumem como sujeitos éticos. Esta tolerância das pessoas que convivem com o diferente, com as teses antagônicas e com as possíveis divergências é muito interessante para o pensamento do autor.

Nas experiências debatidas para construir este ensaio, a que mais se aproxima desta ideia de tolerância é a que se concretiza no Cemaec Aprender, pois, neste espaço ou centro, encontra-se muitas meninas e meninos (de seis a doze anos) que são matriculadas/os por viverem em situações sociais/familiares que oferecem riscos à sua existência. Todos os valores presentes na citação anterior são fundamentais nos trabalhos e oficinas que os profissionais desempenham no Cemaec Aprender e visam este projeto humano que deve estar presente em cada um (a).

Nas experiências vivenciadas na rede municipal de ensino de Igrejinha, Vale do Paranhana, percebe-se que a diversidade é um dos elementos que deve ser potencializado e, acima de tudo, buscado para vivermos bem entre os diferentes sujeitos. É esta diversidade que faz com que acolhamos muitas meninas e meninos no Cemaec Aprender para que consigam ter diuturnamente uma ótima educação integral, de fato. No Cemaec chegam todos os dias mais de duzentas e sessenta crianças para, além de participarem das trinta e cinco oficinas, terem um espaço de convivência, de cuidado e de segurança.

Este é um projeto inovador e revolucionário. Inovador, pois trabalha diversas oficinas nas quais as faculdades dos meninos e meninas podem ser e são potencializadas; revolucionário, pois os investimentos destinados a ele ultrapassam em muito os investimentos per capita efetuados na educação convencional e isto, em tempos neoliberais, é algo inusitado. Para manter este projeto se

faz necessária a sensibilização do prefeito municipal que em época de escassez/crise de recursos financeiros o mais lógico e prático seria o de fechar o Cema e Aprender para poupar dinheiro.

É por isto que esta experiência educativa converge com os ideais de humanização e, portanto, de transformação do mundo e dos próprios sujeitos envolvidos e comprometidos no processo. Apostar nestes meninos e nestas meninas é um ato utópico, mas necessário, pois

A desumanização, que não se verifica apenas nos que têm sua humanidade roubada, mas também, ainda que de forma diferente, nos que a roubam, é distorção da vocação de ser mais. É distorção possível na história, mas não vocação histórica. Na verdade, se admitíssemos que a desumanização é vocação histórica dos homens, nada mais teríamos que fazer, a não ser adotar uma atitude cínica ou de total desespero. (FREIRE, 1993, p. 30).

É necessário vencer todos os atos desumanizadores que ocorrem com/contra crianças, jovens, adultos e idosos para gerarmos vida digna e é isto que se busca no espaço do Cema e Aprender. Investe-se muito nos educadores populares/sociais e nos educandos que frequentam aquele importante espaço. Por trás desta luta estão o sonho e a esperança utópica que impulsionam os sujeitos participantes no processo para que juntos desenvolvam a vocação para o ser mais.

Esta reflexão acerca da experiência que está sendo feita, além de esperançosa, é propositiva no sentido de instigar pessoas/sujeitos para um inédito que não é absurdo, mas viável.

Em Paulo Freire o inédito viável significa:

Uma palavra-ação, portanto, práxis [...] Uma palavra epistemologicamente empregada por Freire para expressar, com enorme carga afetiva, cognitiva, política, epistemológica, ética e ontológica, os projetos e os atos das possibilidades humanas. [...] Palavra na qual estão intrínsecos o dever e o gosto de mudarmos a nós mesmos dialeticamente mudando o mundo e sendo por este mudado. Que traz na essência dela mesma o que podemos sentir e desejar e por ela lutar e sonhar; o que pode nos incomodar, inconformar e nos entristecer nas fraquezas dos seres humanos levado pela ingenuidade verdadeira ou pela deformação antiética. Palavra que nos traz, sobretudo a esperança e o germe das transformações necessárias voltadas para um futuro mais humano e ético, para alcançarmos o destino ontológico da existência humana. (STRECK, REDIM e ZITKOSKI, 2010, p. 224).

É possível ver nos relatos das experiências vividas na educação pública de Igrejinha, RS, a presente ideia de um futuro utópico, com mais humanidade e cidadania. Nesta caminhada ocorrem conquistas tanto para os educadores quanto para os educandos. Os inéditos viáveis também apresentam outras dimensões:

[...] além de serem sonhos coletivos, deverão estar sempre a serviço da coletividade, não têm fim em si mesmos. São, portanto, sonhos fundamentalmente democráticos a serviço do mais humano que existe em nós seres humanos: assim, nos induz a criarmos um novo homem e uma nova mulher para uma nova sociedade: mais justa, menos feia, mais democrática. (Idem, ibidem, p. 226)

Este contexto no qual a crença no sonho e na possibilidade da utopia é o que se imbrica com o conceito de inédito viável. Abraçadas a esta expectativa temos as noções de transformação das pessoas e da transformação do mundo a partir ou através de um grande esforço ou mutirão coletivo. E é isto que nos dará condições na busca por um mundo (futuro) melhor. Precisamos deixar crianças, adolescentes e jovens melhores na atualidade para que estes transformem o mundo no qual estão e estarão vivendo.

A seguir serão relatadas experiências significativas nas quais as categorias freiriananas são efetivadas gradativamente.

O Centro Municipal de Atividades Educacionais (Cemae Aprender) está localizado na cidade de Igrejinha, na região metropolitana de Porto Alegre. Atendendo crianças de 06 a 12 anos no turno inverso da escola, funciona nas dependências do Parque de Eventos Almiro Grings, onde, no mês de outubro, acontece o principal evento da cidade, a Oktoberfest. É mantido com verbas da Prefeitura Municipal e, eventualmente, conta com algumas parcerias da Sociedade Civil organizada. Sua estrutura recebe atualmente 260 crianças e é composta por equipe diretiva, pedagógica, professores, educadores, funcionários e estagiários, perfazendo um grupo de 30 profissionais.

O Projeto visa a educação integral. Investe-se pedagógica e socialmente na formação das crianças, através da aprendizagem de valores, de diversas tecnologias e linguagens culturais, buscando proporcionar o acesso a diferentes culturas e a construção da autonomia dos sujeitos envolvidos.

Muitas das crianças atendidas estão em situação de vulnerabilidade social, seja por razões econômicas ou situações de negligência, abandono, ou mesmo violência doméstica e/ou social (drogadição, abuso etc.). Algumas delas são encaminhadas diretamente pela Rede de Proteção à Criança e ao Adolescente através de vários órgãos: Assistência Social, Conselho Tutelar, CREAS, CRAS e SME.

O Cemae Aprender é a principal instituição do município que oportuniza educação em tempo integral com vistas a desenvolver a integralidade do sujeito aprendiz. Tem o acolhimento e o cuidado como prioridades no seu atendimento.

A promoção da educação nos diferentes espaços é, sem dúvida essencial, para a construção de um mundo melhor, tão sonhado pelas sociedades atuais. Paulo Freire sempre foi defensor dos menos favorecidos (oprimidos), defendendo a oportunidade da educação a todo cidadão e cidadã.

Acreditava em uma educação construtora do conhecimento, este gerado através do debate e do diálogo com respeito mútuo e recíproco.

A Educação de Jovens e Adultos (EJA) no município de Igrejinha iniciou no ano 2000 e atualmente atende estudantes no turno da noite na Escola Municipal de Ensino Fundamental Machado de Assis, através das modalidades *presencial* (organizada em níveis com duração de um semestre: 3º nível, para alunos vindos dos anos iniciais e que nunca frequentaram os anos finais; 4º nível, que corresponde ao 6º e 7º anos do ensino fundamental; 5º nível, que corresponde ao 8º e 9º anos), *exames de certificação do Ensino Fundamental* (aberto à comunidade em geral e estudantes maiores de 15 anos) e *cursos livres* (que abrangem a alfabetização e pós-alfabetização, além da preparação para os exames de certificação do ensino fundamental nas áreas do conhecimento de Matemática, Língua Portuguesa, Arte, História, Geografia e Ciências).

Tendo na educação de adultos seus primeiros desafios e experiências da prática docente, a partir da qual Freire propôs uma educação popular, humanizadora, com tomada de consciência do cidadão através da cultura, hoje o desafio maior é desenvolver esta consciência crítica com responsabilidade com o público jovem que retorna aos bancos escolares na EJA, como alternativa à educação bancária onde não obtiveram sucesso.

Na educação infantil também existem experiências interessantes e uma delas será aqui contada/relatada. O projeto “O Quintal do Jardim” é uma destas vivências significativas na qual a boniteza, o cuidado, a amorosidade, a ternura e a aposta no ser mais das crianças e dos profissionais da educação se concretiza.

Partindo da realidade de uma criança obesa e de uma criança que não se alimentava adequadamente na escola e várias outras crianças que não se permitiam nem provar frutas, verduras, legumes e tendo uma horta desativada, surgiu o projeto com o título “O Quintal do Jardim”. Ele foi criado com foco na alimentação saudável das crianças e na reativação da horta, tendo presente que estes temas são fundamentais para gerar aprendizagens e introduzir hábitos saudáveis de alimentação nos educandos da escola de educação infantil, grupo do jardim no ano de 2015.

A proposta deste projeto era/foi o de propiciar às crianças um contato com o processo de desenvolvimento das frutas, verduras e legumes, através da horta e das experiências de provar um pouquinho de cada um dos alimentos para adquirir hábitos e estimular uma alimentação saudável através do lúdico e assim provocar mudanças na família e na comunidade. Aqui é que reside a ideia da educação como política ou como meio de intervenção na realidade. Intervenção consciente,

mediada pela razão, a partir ou através de um projeto organizado (epistêmico) tendo em vista um fim/telos moral.

No desenvolvimento do projeto, foram feitas parcerias com as nutricionistas da Secretaria de Educação, com o Centro de Educação Ambiental Augusto Kampff e também com a EMATER de Igrejinha, onde buscou-se informações referentes ao manejo do solo, chás e à alimentação saudável. Nesta dimensão o trabalho colaborativo foi muito importante e potencializa a ideia de que somos fruto de relações e não de meras individualidades. É aqui que se manifesta uma das concepções de ser humano importante (ou somos e estamos em relação com os outros e outras ou marcamos nossa existência pelo individualismo).

Em sala de aula, com as crianças, a professora fez diferentes abordagens: pesquisas, hora do conto, passeios, rodas de conversas, entrevistas, reuniões com as famílias, músicas, registros fotográficos, construção coletiva de textos e cartazes, gráficos, confecção da fruta para móveis, revitalização da horta, um trem para passar pelas casas das crianças e trazer para a escola frutas para provar, o mesmo tinha uma música tema; filmes, e a construção de um livro do alfabeto dos alimentos e o livro do trem dos números, releitura de obras e oficinas. Nesta parte do desenvolvimento do projeto, além da ternura, se percebeu a dialogicidade como um dos valores relevantes e fundamentais.

O projeto teve o envolvimento e o comprometimento de todas/todos da escola e das parcerias firmadas. Ao longo do desenvolvimento do projeto, foi possível perceber os seguintes resultados: crianças que estavam há mais de três meses sem comer adequadamente e que apresentavam obesidade começaram a se alimentar aceitando comer frutas e verduras, sendo que o restante do grupo também se sentiu estimulado e motivado a comer e ou se alimentar de forma saudável. As famílias faziam relatos com alegria sobre o aprendizado que as crianças compartilhavam em casa e percebiam as mudanças alimentares das crianças, necessitando adequar-se, assim aproximando família e escola, no incentivo a novos hábitos alimentares, inclusive as crianças pediam aos seus pais para fazerem hortas nas suas casas. Percebeu-se grande satisfação das crianças em plantar árvore e em acompanhar o desenvolvimento das hortaliças observando, regando, plantando e colhendo os alimentos.

A consciência crítica dos educandos e dos próprios educadores, em relação a uma boa alimentação, tem se mostrado em positivo amadurecimento, pois rejeitam alguns alimentos que estão fora da pirâmide alimentar, conforme a nutricionista explicou. Em momentos de passeio pelo

bairro, as crianças, ao falarem com as famílias que não tinham horta, estimulavam e desafiavam-nas pedagogicamente e ocorriam diálogos significativos nos quais pais e mães justificavam o porquê não tinham, prometendo para as crianças fazer uma horta, mesmo que pequena. Neste momento ressaltava-se o diálogo e o envolvimento das crianças com os moradores do bairro e a recíproca dos mesmos. A construção do livro do alfabeto dos alimentos, frutas, verduras, proporcionou alegria em aprender as letras relacionadas às frutas e verduras, pois ajudou a assimilar o alfabeto e várias crianças já escrevem alguns nomes de alimentos, assim como os números presentes no trem das frutas ajudaram as crianças a assimilarem com mais facilidade as quantidades e fazer a sua relação com a escrita. Houve o envolvimento das demais turmas em algumas atividades do projeto, assim como nas decorações dos espaços da escola. Finalmente, as crianças promoveram uma ação social de arrecadação de alimentos que foram doados ao INEVAM - Instituto Evangélico de Amparo ao Menor da cidade de Três Coroas.

Assim, o projeto mostrou que as crianças podem crescer, formando hábitos de alimentação saudável e a possibilidade de construção de sua horta em qualquer espaço que seja e deste modo farão a diferença no mundo, com atitudes responsáveis de respeito e de amor a sua saúde. E o professor é o incentivador/mediador de todo este caminho/processo.

A sistematização destas experiências educativas foi possível, pois vários atores/sujeitos estiveram e estão participando ativamente desta construção. Em comum entre eles está o ato de estudar. Este não é um ato qualquer, pois, segundo Freire, “Estudar exige disciplina. Estudar não é fácil porque estudar é criar e recriar é não repetir o que os outros dizem. Estudar é um dever revolucionário”(2011, p. 73). Esta ideia é reforçada pelo autor a partir da seguinte fala: “[...] o ato de estudar, enquanto ato curioso do sujeito diante do mundo, é expressão da forma de estar sendo dos seres humanos, como seres sociais, históricos, seres fazedores, transformadores, que não apenas sabem mas sabem que sabem” (idem, p. 75).

Nos três relatos estes compromissos são perceptíveis e é isto que nos encoraja para compartilharmos com os colegas, companheiros e companheiras de caminhadas, estas experiências ricas e significativas que ocorrem em escolas públicas de nossa cidade e região.

3 Considerações finais

Depois da pesquisa realizada acerca das experiências positivas e relacionadas ao pensamento ou teoria de Paulo Freire no Vale do Paranhana, pode-se dizer que, de fato, o caminho da humanização e do ser mais é algo urgente e necessário às pessoas e aos diferentes processos pedagógicos que encaram a educação como um compromisso político e ou de intervenção social. Também pode se afirmar que sem sonhos e sem utopias não temos condições mínimas de inovarmos pedagogicamente nos espaços formais e informais de educação. E se não empreendermos grandes esforços para fazer diferente em nossas redes públicas de educação os ‘inéditos viáveis’ não acontecerão e isto nos deixará anestesiados diante de inúmeras possibilidades que poderíamos ter se ousássemos mais e melhor.

Em relação aos objetivos é possível afirmar que foram atingimos parcialmente, pois não basta só mapeá-los, necessitamos também fundamentá-los epistemologicamente para que consigamos ver melhor estas experiências como saídas razoáveis e concretas para a educação tradicional e bancária que se apresenta em grande parte dos espaços formais e informais de educação popular pública.

O texto está aberto e necessita ser aprimorado. A realidade é desafiadora e cruel a projetos como estes que estamos empreendendo. Enfrentar a realidade com um pé na reflexão e outro na ação é o nosso desafio cotidiano e é isto que caracteriza uma práxis verdadeiramente consciente.

Aos leitores e leitoras, parceiros e parceiras de caminhadas pode-se dizer o seguinte: fazer educação com as pessoas é um ato revolucionário nos dias atuais, pois exige, além de conhecimentos filosóficos, pedagógicos, científicos e técnicos, espírito aberto para a escuta e para inúmeras vivências democráticas. Acredita-se que estas são as atitudes mais adequadas para o momento contemporâneo e que os profissionais/trabalhadores da educação deverão praticá-las se quiserem, de fato, potencializar experiências humanas e cidadãs com os seus educandos.

Na obra *Pedagogia da Autonomia: Saberes Necessários à Prática Educativa*, Paulo Freire enfatiza a importância de ensinarmos para a criticidade e destaca, acima de tudo, a importância da curiosidade para o exercício profissional dos educadores:

A curiosidade como inquietação indagadora, como inclinação ao desvelamento de algo, como pergunta verbalizada ou não, como procura de esclarecimento, como sinal de atenção que sugere alerta, faz parte integrante do fenômeno vital. Não haveria criatividade sem a curiosidade que nos move e que nos põe pacientemente impacientes diante do mundo que não fizemos, acrescentando a ele algo que fazemos (FREIRE, 2015, p. 33)

Entende-se que estes elementos são fundamentais para nós enquanto profissionais que trabalhamos na e com a educação. Além disso, aos educandos isto também é fundamental para que possam enfrentar muitos desafios impostos pela sociedade a eles e que devem ser vencidos com inteligência e sabedoria. Em sintonia com isso é que pretende-se fazer da prática educativa-progressista um meio para potencializar o desenvolvimento da curiosidade, insatisfeita, indócil e, acima de tudo, esperançosa e utópica.

Por fim, é mister destacar que o momento presente depõe contra a razão. Vivemos um período histórico no qual, mais uma vez, a manipulação ideológica anda solta e arrasta multidões. Tristes tempos são estes nos quais a fanatização e a empulhação ocupam espaços em detrimento ao pensar tolerante e consciente das pessoas. Espera-se que a Democracia resista e que, como povo brasileiro, possamos ter presente o pensamento de Paulo Freire e a partir deste sejamos capazes de potencializarmos muitas ações convergentes com o ser mais que reside na natureza de cada uma e de cada um de nós.

Este texto está aberto assim como a realidade que se renova todas as manhãs e todos os dias nas escolas e centros de educação de Igrejinha, do Vale do Paranhana, do estado do Rio Grande do Sul, do Brasil e do mundo. Que a razão nos ilumine neste momento histórico.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. 51. Ed. – São Paulo : Cortez, 2011.

_____. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática Educativa**. 51^a e. – Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.

STRECK, Danilo R; REDIN, Euclides; ZITKOSKI, Jaime José. **Dicionário Paulo Freire**. 2 ed., ver. Amp. – Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.